

AMARANTE E OS CAMINHOS DE SANTIAGO

Localizada num ponto de cruzamento de duas importantes rotas, a do Litoral Norte para o Interior Norte e a do Minho para as Beiras, Amarante afirmou-se como um importante núcleo urbano do Entre Tâmega e Sousa.

A contribuir ainda para esta projeção esteve, para além de alguns fatores naturais, tais como a fertilidade dos solos e a abundância de água, a reconstrução de uma antiga ponte que a tradição atribui a São Gonçalo. Esta notável obra, no contexto medieval, veio facilitar a transposição do rio Tâmega aos muitos viajantes que por aqui passavam, provenientes do Minho e do Douro Litoral em direção a Trás-os-Montes e ao Alto Douro.

Destes viajantes, uma parte significativa são peregrinos de Santiago, o que parece comprovar a necessidade e a existência à época de duas albergarias, uma na margem direita do rio (documentada desde 1192) e outra na margem esquerda, localizada no lugar do Covelo (atual rua 31 de Janeiro) cuja

fundação se atribui à rainha D. Mafalda de Sabóia, esposa de D. Afonso Henriques. Quer uma, quer outra instituição, para além de dar guarda a peregrinos e a viajantes, prestaram ainda assistência a orfãos, viúvas, pobres e doentes.

A preocupação com a garantia de um caminho seguro e livre de perigos parece ter impulsionado ainda mais o povoamento de Amarante, pois em meados do séc. XII, D. Vasco Fernandes de Soverosa, casado com D. Teresa Gonçalves de Sousa, implementa uma política de fomento ao povoamento do burgo, uma vez que os viajantes se queixavam e recavam ser assaltados ou emboscados por salteadores, sempre que passavam nos seus domínios.

Com mais ou menos alterações, devido à normal mutação da malha urbana da cidade e dos respetivos eixos viários, ao longo dos tempos, o túnel de Torres do Caminho de Santiago, com início em Salamancan e prosseguindo por Portugal em direção a Braga, entra em Amarante a partir da localidade de Carneiro, daí prossegue pela Estrada Pombalina até à cidade, passando antes por Ovelhina e Padroinal.

Em Amarante e depois de percorrida a rua 31 de Janeiro, o caminho atravessa o rio pela ponte de São Gonçalo, outrora ponte d'Amarante, Nesta

ponte existiu a meio do tabuleiro, até à sua derrocada, a 10 de fevereiro de 1763, um cruzeiro biforme, representando de um lado Nossa Senhora da Ponte (ou da Piedade), e do outro Cristo Crucificado. Este tipo de cruzeiro, datado do séc. XII, muito comum nos Caminhos de Santiago, era visto, na localidade de Mélda, como um elemento

protetor da ponte e de todos os viandantes que por aí passassem.

A saída da ponte, encontrava-se a antiga ermida de Nossa Senhora da Assunção que, segundo a memória local, terá sido restaurada por São Gonçalo, onde este passou a residir e, anos mais tarde, viria a ser sepultado. Esta ermida, no séc. XVII, dá lugar ao atual Convento de São Gonçalo, construído por ordem régia, sobre a capela medieval.

Por ser um ponto de passagem dos peregrinos compostelâneos, o altar que estes veem, é precisamente o altar de São Tiago.

Do Largo de São Gonçalo, o itinerário segue pela rua 5 de Outubro e Teixeira de Vasconcelos até a igreja de São Pedro, onde se pode ver uma vieira na sua fachada, e no interior, um interessante conjunto escultórico representando a Sagrada Família, regressada do Egito, vestida com indumentária de feição jacobea. Da segunda planta da rua Miguel Bombarda e Miguel Pinto Martins, onde se encontra sediada a Santa Casa da Misericórdia de Amarante com a respetiva Igreja, prossegue depois pela calçada do Seivredo, rua Carlos Amarante e rua de Guimarães.

Importa salientar que a rua Carlos Amarante,

é popularmente designada de rua da Ordem, por aí terem existido, alguns imóveis pertencentes aos cavaleiros da Ordem de S. João do Hospital, ou de Malta. Uma Ordem que ainda hoje presta apoio a peregrinos. Foi também nesta rua que assistência a orfãos, viúvas, pobres e doentes, primitivamente se sediou a Misericórdia de Amarante.

Saindo da cidade pela rua de Guimarães, assim designada por ser esta a antiga estrada para o burgo vimaranense, o caminho prossegue em direção a Teljães, passando pelo mosteiro romântico de Santo André, a caminho da cidade da Lixa e daí para Guimarães, Braga. Ponte de Lima e Valença, onde se faz a travessa para a Galiza, até Santiago de Compostela.

A partir do séc. XVI, os Caminhos de Santiago começaram a perder a vitalidade e a importância de que até então eram detentores, sendo cada vez menor o número de peregrinos a encetar a peregrinação jacobea. Todavia, tal não se fez sentir em Amarante, pois foram cada vez mais e em maior número, ao longo dos sécs. XVII, XVIII e XVIII, as peregrinações ao túmulo de São Gonçalo, também de um santo peregrino.



5. IGREJA DE SÃO PEDRO

Uma torre ao centro, colimada com a mitra papal e ladeada por dois palmares balaustrados que sustentam as imagens de São Pedro e de São Paulo, retrata o frontispício barroco da Igreja de São Pedro, concluída em 1727. No seu interior, ganha protagonismo o teto da sacristia, revestido em talha de madeira, cor natural.

6. IGREJA DA MISERICORDIA

Construída no séc. XVII, a igreja da Misericórdia foi profundamente remodelada no séc. XIX, em sequência da destruição causada pela passagem das tropas napoleónicas. Da traça original, encontramos conservada, no coro, uma balaustrada, datada do século XVIII, cuja autoria é atribuída ao entalhador Frei José Vileça.



7. SOLAR DOS MAGALHÃES

As ruínas desta casa senhoral, da segunda metade do século XVII, testemunham e simbolizam a resistência à entrada (em 1809) do exército napoleónico, na então Vila de Amarante. Dos quintais da rua de Seivredo, disparavam as forças aliadas (portuguesas e inglesas), incluindo as posicionadas no jardim por trás da casa dos Magalhães.

8. MOSTEIRO DE SANTO ANDRÉ DE TELJÕES

Apesar da ausência de documentação, a constatação da interferência senhoral em Teljões permite balizar a fundação do mosteiro até ao séc. XI. Apesar das transformações profundas operadas ao longo do tempo, é na cabecera que se concentram os principais elementos românicos. Em meados do século XII, a igreja já estava consolidada e despojada de espaço monástico, sendo profundamente remodelada no séc. XVIII.

16



17

